

Dina Rodrigues Macias

# **D**ialecto rionorês

Contributo para o seu estudo



64

Dina Rodrigues Macias

# Dialecto rionorês

## Contributo para o seu estudo



SÉRIE

*Estudos*

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

---

Título: Dialecto rionorês: Contributo para o seu estudo

Autor: Dina Rodrigues Macias

Capa: Vista geral da aldeia de Rio de Onor, parte portuguesa e espanhola

Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2003

Apartado 1038 · 5301-854 Bragança · Portugal

Tel. 273 331 570 · 273 303 000 · Fax 273 325 405 · <http://www.ipb.pt>

Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

(grafismo, Atilano Suarez; paginação, Luís Ribeiro;

montagem e impressão, António Cruz; acabamento, Isaura Magalhães)

Tiragem: 500 exemplares

Depósito legal nº 192821/03

ISBN 972-745-071-7

Aceite para publicação em 1999

---

# Índice

---

<b>Rio de Onor: caracterização e organização</b>	<b>9</b>
<b>Rio de Onor: contacto, <i>in loco</i>, com o seu dialecto</b>	<b>17</b>
<b>História de um louco criminoso (texto escrito em dialecto)<sup>24</sup></b>	<b>19</b>
<b>Análise linguística</b>	<b>23</b>
<b>Fonética</b>	<b>23</b>
<b>Acentuação</b>	<b>23</b>
<b>Ditongos</b>	<b>25</b>
<b>Consonantismo</b>	<b>26</b>
<b>Morfologia</b>	<b>27</b>
<b>Artigo definido</b>	<b>27</b>
<b>Artigo indefinido</b>	<b>27</b>
<b>Pronomes pessoais</b>	<b>28</b>
<b>Advérbios</b>	<b>28</b>
<b>Preposições</b>	<b>29</b>
<b>Verbos</b>	<b>29</b>
<b>Origem de alguns vocábulos isolados</b>	<b>29</b>

<b>Conclusão</b>	_____	<b>31</b>
<b>Glossário</b>	_____	<b>33</b>
<b>Bibliografia</b>	_____	<b>39</b>

# Dialecto rionorês

## Contributo para o seu estudo

### Resumo

---

O presente trabalho está estruturado em duas partes distintas:

I – A primeira parte pretendeu fazer uma abordagem teórica da influência do dialecto leonês no dialecto rionorês, bem como a caracterização sócio-cultural de Rio de Onor.

II – Partindo de um texto escrito em dialecto rionorês, propomos na segunda parte uma análise linguística que aborda as questões fonéticas da acentuação, ditongos e consonantismo e as questões morfológicas relacionadas com os artigos definidos e indefinidos, pronomes pessoais, advérbios, preposições e verbos.

Concluimos com a apresentação de um glossário.

### Abstract

---

This study consists of two different parts:

I – In the first part we try a theoretical approach to the influence of the Leonese dialect on the Rionorese dialect and to the socio-cultural characterisation of Rio de Onor.

II – From a text written in Rionorese dialect, we propose in the second part a linguistic analysis that discusses phonetic issues of stress, diphthongs and consonant sounds, as well as morphological issues regarding the definite and indefinite articles, the prepositions and the verbs.

We conclude with the presentation of a glossary.

# Résumé

---

Le présent travail est structuré en deux parties distinctes:

I – Dans la première partie nous faisons un abordage théorique de l'influence du dialecte «leonês» sur le dialecte «rionorês», aussi bien que la caractérisation socio-culturelle de Rio de Onor.

II – À la deuxième partie, et en partant d'un texte écrit, on propose une analyse linguistique qui met en relief des questions phonétiques liées à l'accentuation, aux diphtongues et au consonatisme et encore des questions morphologiques en rapport avec les articles définis et indéfinis, les pronoms personnels, les adverbes, les prépositions et les verbes.

On termine avec la présentation d'un glossaire.



# Rio de Onor: caracterização e organização

---

Rio de Onor é uma aldeia formada por dois focos populacionais – um espanhol e um português – separados pela fronteira política, mas unidos pela mesma cultura e dialecto.

Esta povoação, a que os rionorenses chamam *al lugar*, está efectivamente dividida em dois núcleos situados dos dois lados da fronteira e distantes um do outro cerca de 150 metros.

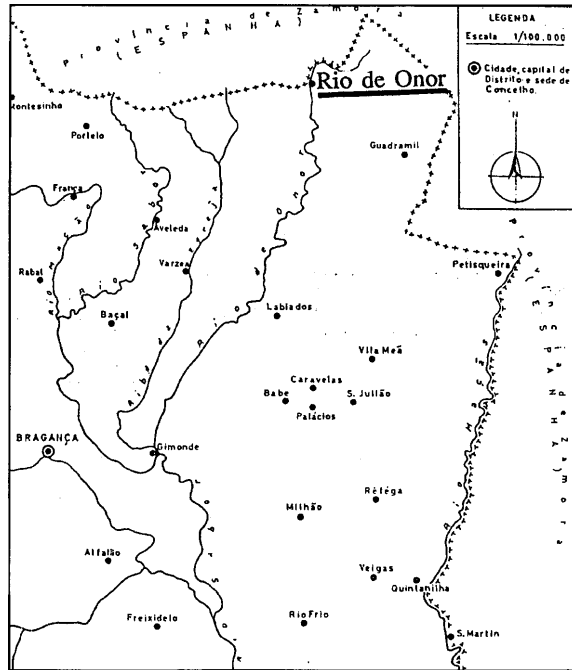
A aldeia espanhola é conhecida por Rihonor de Arriba e a portuguesa por Rihonor de Abajo, visto ficar uma a montante e outra a jusante do rio Contensa.

A circunstância de estas aldeias gémeas estarem separadas obrigou necessariamente a uma relativa diferenciação, visto que os habitantes de uma ou de outra aldeia são obrigados a estabelecer, respectivamente, contactos com as povoações vizinhas, autoridades e centros administrativos de um e de outro país. São assim inevitáveis as aculturações espanhola e portuguesa entre ambas. Trata-se, portanto, de uma comunidade híbrida, que se presta de maneira invulgar para fazer um estudo de contactos de duas áreas culturais. Assim, poderemos concluir que o dialecto rionorense é um português muito antigo e muito modificado pela influência Castelhana.

Mas importa saber como é que este “dialecto leonês”<sup>1</sup> se

---

1) Nomenclatura usada pelo prof. Herculano de Carvalho.



fixou nesta região transmontana à semelhança do que também aconteceu em “Terra de Miranda”.

Adoptaremos aqui a perspectiva do prof. Herculano de Carvalho, por nos parecer muito rigorosa e bem fundamentada de acordo com a realidade que ainda hoje nos é possível constatar.

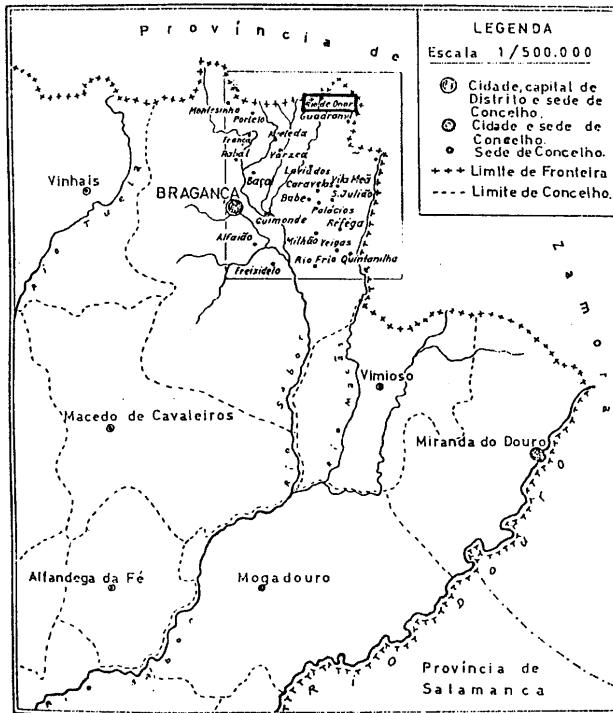
O território português que hoje corresponde, grosso modo, ao actual Nordeste Transmontano terá pertencido ao domínio Leonês cuja sede seria a Sé de Astorga<sup>2</sup>.

Não há dados muito concretos, que nos digam por quanto tempo foi exercido este domínio, mas é óbvio que ele terá sido o motivo do estabelecimento de dialectos leoneses nesta região, pela sua proximidade geográfica e também pelo isolamento desta região em relação ao resto do país, o que proporcionava um maior contacto com as vizinhas terras de Leão, sobretudo com os povos de Aliste e de Saiago e que permitem explicar a conservação e influência daquele dialecto leonês.

- 
- 2) Temos a confirmação do domínio deste território pela Sé de Astorga, quando em 1103, “o Papa Pascoal II se dirige ao Bispo Pelágio de Astorga, recomendando lhe que restitua ao Arcebispo Geraldo – paróchias Laedram nidelicet et Alistam et Bragançiam, quas desolationis tempore perdidit – (as paróquias de Ledra que não lhe era lícito possuir e as de Aliste e Bragança, que tinha perdido em tempo de desolação) e que aquele tiranicamente retinha em seu poder” cf. a informação recolhida em Herculano de Carvalho.

“Esta colonização, realizada numa região ainda hoje de baixa densidade populacional e então de certo pouco menos de deserta, estendeu-se desde o princípio do séc. XIII até ao séc. XV, como admitiram o Abade de Baçal e Leite de Vasconcelos, tempo mais que suficiente, senão para o estabelecimento, pelo menos para a fixação do dialecto leonês em terras já politicamente portuguesas”.<sup>3</sup>

Já nesta época “Rio de Onor se encontrava dividido em duas partes, separadas pelo rio (Rivulum deAsores), uma de Leão e outra de Portugal. Por sua vez, metade da parte portuguesa encontrava-se na posse de Pero Garcia, Escudeiro, e de seus irmãos, pertencendo o



restante aos Espatários de Uclés. São estes decerto os “homines de Leon” que, segundo o testemunho de Bermudo Sanches, “prelado” da Igreja de S. Romão de Baçal, “modo tenent ipsum ... et non faciunt inde forum domino Regi nec obediunt inde ei”<sup>4</sup>. (e dessa forma não pagam foro ao rei senhor e nem sequer lhe devem obediência).

Assim facilmente compreendemos como foi fácil ao dialecto leonês instalar-se neste recanto nordestino que tenazmente foi persistindo contra todas as inovações até atingir a situação em que

3) Herculano de Carvalho – Estudos Linguísticos, Coimbra Editora, Ld, 1984, p. 84.

4) Herculano de Carvalho – Estudos Linguísticos, ed. cit., p. 86

hoje se encontra: o rionorês, isto é, o leonês falado em Rio de Onor, constitui uma ilha linguística encravada entre o português e o castelhano. Há portanto uma fusão entre duas línguas e como consequência dessa fusão, o rionorense é normalmente plurilingue<sup>5</sup>. De referir ainda que o português, falado também nesta localidade é um português antigo. Talvez possamos até referir aqui “um falar transmontano”. Diz-nos Daniel Rodrigues, um estudioso desta região, por dela ser natural, que:

“O português do séc. XIV não existe só nos documentos literários desse período, não é uma língua morta; essas formas filológicas ouvem-se ainda hoje pronunciar, como documentos vivos de um passado remoto, na povoação raiana e sertaneja de Rio de Onor”.<sup>6</sup>

Pela situação geográfica da terra, estado de cultura e progresso do seu povo, a língua que os seus habitantes falam é tão antiga como os seus costumes, modos de viver e atraso social.

Não há dúvida que Rio de Onor foi uma unidade sócio-cultural independente, fechada durante séculos a influências do exterior, constituindo economicamente uma autocracia quase perfeita. Porém, este isolamento quebrou-se, sobretudo a partir da guerra de 1914 – 1918, com o serviço militar obrigatório, as escolas públicas, e, em tempos mais recentes, com as facilidades de comunicação<sup>7</sup>.

A fronteira política, se bem que constitua uma arbitrariedade, é um facto!...

A livre circulação entre os dois povos através da referida fronteira é quase obrigatória, já que os trabalhos agrícolas a isso obrigam, pois são frequentes as propriedades de portugueses em Espanha e as de espanhóis em Portugal. Por outro lado, os habitantes das duas aldeias continuam a casar-se entre si, o que é compreensível em povoações tão pequenas<sup>8</sup>, continuam também a encontrar-se todos os dias de festa e em várias cerimónias religiosas.

As terras de cada uma das aldeias encontram-se distribuídas de ambos os lados da fronteira, as culturas são as mesmas assim como os ritmos quotidianos e sazonais de uma economia agro-pastoril (vacas, cabras, ovelhas, centeio e horticultura para auto-consumo).

---

5) O habitante de Rio de Onor, à semelhança do habitante de Terra de Miranda é plurilingue, pois fala com a mesma facilidade o dialecto rionorês, o português e o espanhol.

6) Cf. Daniel Rodrigues, O Riodonorense, Separata de O Instituto, vol. 55.º, Coimbra, 1909.

7) Há já estrada para Rio de Onor, Nacional n.º 218 e 308 e Caminho Municipal n.º 1037 no troço Sacoias – Varge.

Os transportes públicos deslocam-se já, diariamente, a esta aldeia.

8) Rio de O de Baixo – 228 habitantes, 38 fogos (vizinhos) e Rihonor de Arriba. (Castilla) – 120 habitantes, cf. Jorge Dias e Herculano Carvalho, “O falar de Rio de Onor”, Faculdade de Letras de Coimbra, IEED, 1955.

Os *vizinhos*<sup>9</sup> definem em conjunto a área em que se constituem as alianças matrimoniais e resolvem em comum assuntos também comuns (águas de rega, caminhos). Todos os dias a fronteira é atravessada por espanhóis e portugueses com os instrumentos de lavoura, com os carros, com as vacas para guardar num curral<sup>10</sup> do outro lado ou para recorrer aos serviços do touro colectivo (da aldeia portuguesa), comprar géneros na taberna/ mercearia (da aldeia espanhola). Diz-se “ir Acima” ou “Abaixo” como se de dois bairros se tratasse.

Há mesmo uma quadra, recolhida pelo Abade de Baçal, e que faz parte do riquíssimo cancionero popular bragançano, que comprova esta facilidade de comunicação entre as duas localidades:

Rio d’Onor abajo  
 Rio d’Onor arriba,  
 Tocando la gaita  
 Governando la vida”<sup>11</sup>

Efectivamente, este espaço comum coexiste com aqueles que se estruturam em função de um traçado contingente – a linha de delimitação dos dois Estados – e que não pode deixar de ser um factor determinante na construção da identidade de cada uma das aldeias e dos seus habitantes.

“Em Rio de Onor, o conselho (al conseio) é a organização de todos os participantes na propriedade colectiva integral. Pode dizer-se que até princípios do séc. XX, o conselho era a organização social que permitia a todos os habitantes comunitários de Rio de Onor, fazer face aos múltiplos problemas da sua economia de povos *ganadeiros*<sup>12</sup> e lavradores. Entregues a si próprios, desde tempos imemoriais eles procuraram aproveitar o melhor possível as terras de que dispunham colectivamente, para cultivar os alimentos essenciais e para apascentar os gados”.

Jorge Dias adianta-nos ainda que: “A propriedade colectiva, de que todos eram igualmente senhores, exigia uma organização rígida, que estabelecesse regras e leis, onde os direitos e deveres de cada um ficassem bem claros. A par de normas jurídicas, estabelece-

---

9) “A sociedade rionorense é constituída por famílias, chamadas vizinhos. Na realidade a unidade simbólica da família é a casa, isto é, o conjunto dos bens móveis e imóveis que constituem a base de subsistência da família”. Cf. Jorge Dias, Rio de Onor Comunitarismo Agro-Pastoril, ed. Presença, Lisboa, 1984, p. 79.

10) Local onde se guardam as vacas, no rés-do-chão da residência dos seus donos.

11) Padre Francisco Manuel Alves, Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança, vol. X, p. 506.

12) O termo *ganadeiro* foi utilizado por Jorge Dias na sua obra “Rio de Onor – Comunitarismo Agro-Pastoril” em sentido genérico, de criador de gado lanífero (ganado ou ganau).

ram um sistema de penas, mais ou menos severas, para obrigar cada um a respeitar a lei”.

Aquele *conselho* dirigido pelos dois *mordomos*<sup>13</sup>, anualmente eleitos pelos vizinhos, exerce, ainda hoje, um conjunto amplo de atribuições.

Na gestão da globalidade dos bens e recursos da comunidade, decide sobre os trabalhos – colectivos ou em regime de rotatividade – a efectuar (pastagens, rebanhos (*el ganau*) comuns, pastor, touro, moinhos, forja, caminhos e muros, cemitério, bens dos Santos) e interfere, de uma outra forma, na condução das unidades de exploração dos seus membros ao marcar, por exemplo, dias fixos para lavar e estrumar o terreno de regadio mais fértil da aldeia ou para moer o seu cereal.

A título informativo, vejamos por exemplo como funciona o chamado moinho do povo ou moinho comunitário.

Este moinho surge como um fenómeno profundamente enraizado na terra e no povo, constituindo uma resposta directa às necessidades dos *vizinhos do lugar*, atestando claramente a existência do modo de viver de sentido comunitário.

Todo o habitante do *lugar* tem o direito de moer o seu cereal à vez, segundo a ordem que as suas casas ocupam na aldeia. Cada *vizinho* mói e varre o moinho, o *cambom*<sup>14</sup> e o *tremnhado*<sup>15</sup> e assim vão todos utilizando o referido moinho.

Aqueles *mordomos* são também os responsáveis por todas as despesas públicas correntes, pela cobrança de multas e pela gestão dos bens da comunidade. Aquando da preparação da eleição dos novos mordomos, normalmente no dia do Ano Novo, os mordomos cessantes, além de chamarem a atenção dos vizinhos para a necessidade de escolherem bem os novos mordomos, por se tratar de um cargo muito importante, pois vão eleger/escolher aqueles que irão dirigir os interesses da povoação, apresentam ainda as contas relativas ao ano em que eles conduziram aquele povo.

---

13) “Os mordomos formam um duunvirato anual. Há poucos anos as eleições dos mordomos por votação foram substituídas por um sistema de rotação cíclica. Todos os vizinhos são obrigados a desempenhar o cargo de mordomo. Esta mudança no sistema de eleição foi originada pela reclamação de alguns, que eram eleitos várias vezes, enquanto que outros o não eram nunca. Como o cargo dá muito trabalho, o conselho resolveu atender a reclamação e deu-lhe nova feição mais equitativa”. Cf. Jorge Dias, “Rio de Onor – Comunitarismo Agro-Pastoril”, ed. cit., p. 83.

14) – cambom – camba (mó fixa), “nome de cada um dos arcos de madeira colocados em tomo da mó para impedir que a farinha fuja para os lados; à frente têm uma abertura pela qual esta sai para o farneiro”. Cf. Herculano de Carvalho, O Falar de Rio de Onor, ed. cit., p. 35.

15) – tremnhado – terminado (terminal do moinho) local que vai receber a farinha.

A escrituração de todas as despesas públicas correntes está registada em *talas*<sup>16</sup>.

Ainda hoje a utilização destas talas é uma realidade e só coisas excepcionais se escrituram em papéis. A tradição é, assim, algo muito importante e marca bem a vida deste povo. De qualquer forma, ser-nos-á difícil afirmar que tal povo virou as costas ao progresso, houve, antes, a capacidade de agarrar a tradição e adaptá-la às novas realidades.

“Todas as actividades do conselho e dos mordomos, embora sujeitas à tradição, adaptam-se às novas circunstâncias, mas sempre dentro dos princípios estabelecidos pelo costume. Desta maneira, o sistema, apesar de rígido, apresenta grande maleabilidade e capacidade de improvisação, quando colocado perante novas situações. Isto deve-se à curiosa circunstância dos rionorenses terem grande respeito pelas instituições, mas completa liberdade de julgar e discutir as acções dos homens. De maneira nenhuma confundem o cargo com a pessoa que o desempenha, razão porque uma das organizações mais velhas do país é capaz de apresentar aspectos extraordinariamente progressivos”.<sup>17</sup>

---

16) “As talas são varas de madeira, geralmente de choupo, de tamanho variável, entre um metro e metro e meio, segundo os fins a que são destinadas, e onde se gravam a navalha secções de intervalos iguais, correspondendo cada uma à casa de um vizinho, pela ordem que estes ocupam na povoação. Cada tala diz respeito a um determinado assunto: rebanhos, fenos, eleições, multas, etc. Os mordomos gravam nestes intervalos umas marcas convencionais, correspondentes às despesas, multas ou sortes, raspando também com a navalha o que vai sendo pago e arrumado”. Cf. Jorge Dias, “Rio de Onor – Comunitarismo Agro-Pastoril”, ed. cit., p. 84.

17) Cf. Jorge Dias – “Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril”, ed. cit., p. 86.





## Rio de Onor: contacto, *in loco*, com o seu dialecto

---

A uma unidade cultural e linguística que, no passado, deve ter sido perfeita, substitui-se uma dualidade sobretudo no campo da linguagem. A linguagem falada quotidianamente quer em Rio de Onor, quer em Rihonor de Arriba é uma linguagem viva e actual, embora nela sobrevivam inúmeras expressões, formas dialectais e tendências fonéticas do passado, que são, também elas, uma manifestação de apego à tradição.

Quando os mais velhos, que melhor dominam o falar tradicional<sup>18</sup> se propõem falar só o rionorês, é já frequente entremear palavras portuguesas ou castelhanas na conversa. Assim, poderemos concluir que cada vez mais o rionorês é já quase uma espécie de linguagem ritual, que cada vez vai tomando mais um carácter esotérico.

Mas, se passarmos algumas horas a conversar com as pessoas mais velhas do lugar de Rio de Onor e lhes pedirmos para só falarem rionorês, é então possível ver surgir, de novo, aquilo que foi o idioma vivo num passado não muito distante.

---

18) Os mais velhos falam melhor o rionorês, porque nunca emigraram e são analfabetos. As crianças, em idade pré-escolar, dominam também fluentemente este dialecto, porque o aprendem com os seus avós, com quem passam grande parte do dia.

As relações da vida social moderna têm alterado este dialecto e em poucos anos, segundo os próprios rionorenses, operou-se nele uma evolução profunda.

De qualquer forma, o rionorês é ainda uma realidade que podemos constatar. Os costumes, e o modo de viver do rionorense são hoje o que eram há séculos e a língua que alguns ainda hoje empregam “*quando solos*”<sup>19</sup> é a língua que, há séculos, outros falaram. Podemos mesmo afirmar que o rionorense é uma língua tão estacionária como estacionário é o desenvolvimento do povo que a fala.

Não era objectivo deste trabalho um contacto directo com o povo rionorense, para melhor constatar o que temos vindo a afirmar, mas antes um estudo e uma análise dos vários e importantes trabalhos que têm sido elaborados por especialistas, quer na área da Etnografia, quer na área da Linguística. De qualquer forma, e sem pretender fazer trabalho de campo, foram extremamente aliciantes e motivadoras as três deslocações que fizemos àquele “*lugar*” para aperfeiçoar a nossa sensibilidade linguística face a um tão rico e ainda vivo dialecto rionorês. É no comércio espanhol do Melin que muita gente se vai abastecer<sup>20</sup>, transformando assim aquele local num ponto de atracção dos habitantes de ambas as aldeias.

Foi exactamente neste local que, sem quaisquer gravações, sem que os rionorenses soubessem que a nossa presença ali não era apenas para fazer algumas compras; ouvimos algumas expressões do dialecto rionorês na sua pureza e na sua simplicidade!

Tentámos, sem qualquer rigor científico, transcrever algumas delas para este trabalho, antes de passar à transcrição e comentário de outros textos coligidos pelos já referidos estudiosos.

Num diálogo entre dois rapazes, encostados à parede da casa do Melin, surgiu normalmente esta pergunta:

— “*Tienes lume, Zé?*”

— «*Tiengo*».

A conversa continuou e mais tarde surgiu esta frase:

— “*Onte fumos a Bergancia, ai rapace se tu bisses a burratcheira que tenia o Miguel*”

Já no regresso e quando, com curiosidade observávamos a beleza rústica de uma das casas de Rio de Onor, ouvimos uma senhora chamar pelo seu filho, nestes termos:

— “*Ougéniu, anda par cassa, abia-te filhu*”.

E depois deste breve contacto, ao vivo e *in loco*, com o

19) “quando solos” – quando estão sozinhos, no seu meio e num ambiente que lhes é familiar. Os rionorenses afirmam frequentemente que não gostam de falar o seu dialecto para estranhos, pois que alguns os poderão ridicularizar.

20) É mesmo frequente os habitantes de Bragança deslocarem-se, no fim de semana, a Rionor de Arriba para fazerem compras no referido comércio do Melin.

dialecto rionorês, propomo-nos estudar a já referida influência leonesa neste dialecto. Para tal, seleccionámos uma narrativa popular<sup>21</sup> que transcrevemos em dialecto e que em nota sugeriremos uma versão, da nossa autoria, em português.

### **História de um louco criminoso (texto escrito em dialecto)<sup>24</sup>**

Un tal Miguel ficou de piquenu sin pai e a mai, marota, terminou-se di cassar cun al Tiu Domingo Tano<sup>22</sup>. I iêl iera mau i batia-le al rapace i bateu-le na cabeça. Que iêl de piquenu iera listu i cun as porradas que le dou na cabeça pusu-se tonto. I aspois tinha outro irmau qui le tchamaban Ougénio, cassou-se cua fia dal tiu Baltazar, a tia Clementina. I despois al tiu Baltazar era mal criou i al tal Miguel nou le deixaba comer, que nun nu podia ber. I un dia, al dia 3 de Maio, fonun à missa i iera al dia de benecir al pan. I al tal tiu Baltazar amanhou al pindon<sup>23</sup> i dixu: “Rapaces” iou bou hasta cassa inquantu bos bades a benecir al pan”. I bienu introu para cassa. I aquiêl iê al dia de comer las magras, i el dixu al Miguel: — “Tu bê-las mas nun nas comes”, i nun staba ua alma no lugar. Al Miguel tontu enfadou-se i agarrou-u pelas piernas al arrastru pela canada i iêl iba boca abaixu. I iêl agarraba-se às piedras mas al outro tinha mas fuerça i queria tiralu da puonte para baixu. I el agarrou-se unde pude i nun u pude atirar dal puonte. Daquel pontu habia ua canada que martchaba pal riu i iera mui ingrída i arrastrou al hasta al borda dal riu i agarrou ua piedra i escatchou-le a cabeça cua piedra ferronha (cuas gumas da piedra ferronha) que cortaba curnu ua matchada. I agarrou atirou al pal riu. I nós de que binhimus de benicir al pan, tchegou un guarda tchamau Rodrigues i dou bouces: — “À d’al rei qui matanun un home!” I nós todus pasmaus, quien siria que morreu i quien nu matou. Nun sabiamus ninhum hasta que uns rapaces binun y al tiu Simun tambien

---

21) “História de um Louco Criminoso” – recolhida pelo etnógrafo Jorge Dias aquando da sua estada em Rio de Onor e registada na sua obra “Rio de Onor – Comunitarismo Agro-Pastoril”, ed. cit., p. 303.

22) Na tradução deste texto manteremos a forma de tratamento “tiu” como sinónimo de “senhor”, pois o povo de Rio de Onor faz esta substituição. Esta fórmula de tratamento é utilizada pela familiaridade e intimidade existente entre os habitantes da aldeia. A expressão “senhor” é apenas utilizada quando se dirigem a um estranho.

23) “Al pindon (Cf. espanhol *pendón*) – Pendão – “Divisa ou insígnia das igrejas e confrarias” – In Dicionário Espanhol Português, Porto Editora, Lda.

24) HISTÓRIA DE UM LOUCO CRIMINOSO - Versão em português  
Miguel ficou órfão em criança. A mãe, má, acabou por casar com o Tio Domingos Tano. Este era mau, batia no rapaz e um dia bateu-lhe na cabeça. Em criança o Miguel era esperto, mas com as pancadas que levou na cabeça pôs-se tonto. Ele tinha outro irmão a quem chamavam Eugénio, que casou com a filha do Tio

biu da sua buraca i al tontu dixe al tiu Simon, Dious negre, se dices algua cousa, matu-te a ti tambien. A al tal Miguel tontu agarrou i martchou-se pas Ratchas hasté a noute, e à noute bienu para cassa. I logo a xusticia (três u quatro homes que iel iera mui balente) fonum a prendie-lu. Por que iêl iera mui balente, todus tinham medu d’entrar a cassa, nun seia que los matara. I entrou al tiu Manuel Metu i dixe: — “Miguel, abre-me a puârta”. I el abriu-la i metienun-se us homes da xusticia dentru de cassa. — “Miguel, tu matêste al tiu Baltazar i agora bamus-te a prender”. I prendenun as mans atrás. Dessioutru dia pela manhana foi pressu i libanun - nu pa cadeia pa Bergancia três u quatro homes de xusticia. I aspois foi tambien al tiu Ganote, qui iera padrinhu i dixu-lhe qui al Carreira de Bila Franca tambien habia feito ua morte i staba nu mesmu quartu diêl i dixu-le “Miguel, nun ti deixes bater dus outrus pressus, que aqui dixe hai un home baliente”.

Dali a otcho dias foi al tiu Ganote a bê-lu à cadeia i dixu-le: — “Miguel, inton qui tal?” I iêl dixu-le: — “Padrinhu tratam-me biên, solu que aqui hai un malandru. que anda sempre a cabalu en riba de mi, mas iou agarrei pela cabeça cumu. quen bira ua campá, que quedou cumu muartu, i nun se tomou a meter comigu i todus me guardam respeito”.

I agarranum al depois impuntanun-nu lá para baixu pra cassa dos tontus i el si puso un pouco mior. I aspois metenun-nu de xardineiru asté que le pareceu que staba bô. Aspois saliu dali para fuora i binu-se aproximandu al Rio d’Onor. I daba-le bergonha a

---

Baltazar – a Clementina. Este Tio Baltazar era mal educado e não deixava comer o Miguel, porque não gostava dele (não o podia ver). No dia 3 de Maio foram todos à missa e era também o dia de benzer o pão. O Tio Baltazar arranjou o pendão e disse: – “Rapazes, eu vou até casa enquanto vocês vão benzer o pão”. Veio e entrou para casa.

No dia 3 de Maio é o dia de comer presunto (magras de presunto) e ele disse para o Miguel: – “Tu vê-lo mas não o comes”.

Não estava ninguém junto deles, naquele lugar.

O Miguel “tonto” aborreceu-se (cansou-se de ser tão mal-tratado), pegou no Tio Baltazar pelas pernas e arrastou-o pelo caminho com a cabeça para baixo. Este tentava segurar-se nas pedras, mas o outro tinha mais força e queria deitá-lo da ponte para baixo. O Baltazar conseguiu segurar-se e o Miguel não foi capaz de o atirar da ponte. Mas, daquele lugar, havia um caminho que ía para o rio e era muito íngreme, conseguiu levá-lo até à beira do rio, pegou numa pedra e partiu-lhe a cabeça, atirando-o depois ao rio.

Entretanto, os outros vinham já de benzer o pão, quando um guarda chamado Rodrigues gritava: – “Aqui d’el rei que mataram um homem!”.

Ficaram pasmados e perguntavam: “Quem terá morrido e quem o terá matado?” Havia uns rapazes que tinham visto o sucedido e o Tio Simão também viu do seu postigo. Mas o Miguel Tonto disse ao tal Simão: “Se dizes alguma coisa, mato-te também a ti” e o tal Miguel tonto fugiu para Ratchas até à noite e só à noite veio para casa. De imediato a justiça (três ou quatro homens, pois o Miguel tinha fama

benhir. Asté que fonun as familias a bisca-lu, que staba in Baçal i nun queria benhir por bê da bergonha. — “Miguel, bamus a nossa cassa!”. O sobrinho dixu: — “Tiu, andai pa nossa cassa”. Cada mês governaba al un sobrinho i iêlus stimaban-al bien, mas iêl staba ensináu a andar pal mundu, i nun s’acustumaba a star suxeitu a nenhun lugar. I terminou de se martchar embora, a pedir pelu mundu. Que nun queria star aqui. Agora bai cinc u seis anos que martchou i nun si sabi diêl”.

---

de valente) apareceu para o prender. E porque ele era muito valente, todos tinham medo de entrar na sua casa, temiam até que ele tentasse matá-los. Mas o Tio Manuel Meto entrou e disse: “Miguel, abre-me a porta”. Ele abriu-lha e todos entraram.

— “Miguel, tu mataste o Baltazar e agora vamos prender-te. Ataram-lhe as mãos atrás das costas e no dia seguinte, pela manhã levaram-no para a cadeia de Bragança. Juntamente com os guardas, foi também acompanhar o Miguel o Tio Ganote, que era seu padrinho e que lhe disse que o Carreira Vila Franca também tinha feito uma morte e que estava no quarto da cadeia para onde ele também ía, acrescentando-lhe: — “Miguel, não te deixes bater dos outros presos, pois tu és um homem valente”.

Passados oito dias o padrinho foi visitá-lo à cadeia e disse-lhe: — “Miguel, então que tal?”

— “Padrinho, tratam-me bem, há apenas um malandro que anda sempre a bater-me, mas eu peguei-lhe pela cabeça como quem vira um sino e caiu como morto. Não se voltou a meter comigo e todos me guardam respeito”.

Mais tarde levaram o Miguel para o Hospital Psiquiátrico e ele ficou melhor. Puseram-no como jardineiro até estar completamente recuperado. Quando saiu da cadeia dirigiu-se para Rio de Onor, mas estava com vergonha de regressar e decidiu ficar em Baçal. A família foi ter com ele. Um sobrinho disse-lhe: — “Miguel, vamos para nossa casa! Tio, venha para nossa casa”. Cada mês o sustentava um sobrinho e tratavam-no bem, mas ele estava habituado a andar pelo mundo e não se acostumava a permanecer num lugar fixo. Acabou por ir embora a pedir esmola, pois não queria estar em Rio de Onor. E, passados cinco ou seis anos de se ir embora, não se sabia nada dele.



# Análise linguística

---

Tentaremos, a partir deste texto, fazer uma análise linguística de alguns vocábulos que diferenciam este dialecto rionorês da língua portuguesa, registando simultâneamente aqueles que são originários do português arcaico e aqueles que são reminiscências vivas do castelhano, criando esta “*espécie de falar misto*”.<sup>25</sup>

Apresentaremos a nossa análise, fazendo uma separação das várias palavras deste texto por categorias gramaticais e não seguiremos a ordem pela qual elas vão surgindo no referido texto.

## Fonética

### Acentuação

De uma maneira geral, o acento tónico mantém-se.

1. Há deslocação do acento na 1.<sup>a</sup> pessoa do conjuntivo de qualquer verbo, o acento recua devido a influências analógicas:

*nôs sêjamos (sejamos)*

*nós fáçamos (façamos)*

---

25) Cf. Herculano de Carvalho, Estudos Linguísticos, Coimbra Editora, ed. cit, p, 109.

2. Enumeraremos, agora, algumas palavras em que não houve propriamente deslocação do acento. São palavras cujo número de sílabas variou, devido a outros fenómenos fonéticos:

— devido à desinência – *des*, nas segundas pessoas do plural do pretérito imperfeito do indicativo:

*vós iérades (éreis)*

*vós stímabades (estimáveis)*

— palavras agudas em vez de graves:

*riu (rio)*

*tiu (tio)*

— devido à síncope de – *d* – na terminação – *ado*:

*pasmau (pasmado)*

*chamau (chamado)*

— o – *a* tónico geralmente mantém-se, mas no dialecto rionorês, sobretudo na 2.<sup>a</sup> pessoa do singular de alguns verbos, aparece realizado de maneira diferente:

*matéste (mataste)*

*comprêste (compraste)*

A vogal tónica [a] está representada por [e]<sup>26</sup>

— O [a] tónico nasal pode, por vezes, ter realizações diferentes:

*irmá (irmã)*

*manhana (manhã)*

*irmau (irmão)*

*pan (pão)*

Salientemos que qualquer destas evoluções são próprias simultaneamente do galego, do rionorês, do quadramilês e também do mirandês, o que vem provar a influência leonesa nestas zonas fronteiriças do nordeste transmontano.

26) Dâmaso Alonge e Valentín García Yebra, num estudo sobre o “galego – leonês” de Ancares – “El gallego – leonés de Ancares y su interés par Ia dialectologia portuguesa” in: Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso Brasileiros, Lisboa 1957, vol. I, p. 331 – 337. – apresentam como um dos traços característicos do ancarês a palatalização de [a] em determinadas condições. Segundo os mesmos autores esta palatalização tem ainda grande vitalidade nos mais velhos, considerando assim este fenómeno muito antigo. E é exactamente esta mesma palatalização que vamos encontrar em Rio de Onor, o que vem reiterar o seu aspecto conservador no que concerne à linguagem.



- Na terminação – *uma* dá-se a síncope do – *m* intervocálico, com a transmissão da nasalidade à vogal anterior:

*algua (alguma)*

*ua (uma)*<sup>27</sup>

- O [e] latino aparece muitas vezes ditongado – e> i e:

*piedra (pedra)*

*pierna (perna)*

*prendie-lu (prendê-lo)*

*baliente (valente)*

*iera (era)*

*iêl (ele)*

*iêla (ela)*

Esta ditongação do [e] aparece-nos também como uma reminiscência do leonês, na região fronteiriça de Alcañices e Zamora onde ouvimos frequentemente estas realizações fonéticas.

- O – *e* átono oral é, por vezes, representado por – *i*

*piquenu (pequeno)*

*milhor (melhor)*

## Ditongos

Ouvimos frequentemente o ditongo [ai] nas palavras:

*mai (mãe)*

*hai (há)*

*bai (vai / vão)*

Parece-nos que este ditongo é usado pelos habitantes mais velhos de Rio de Onor e ele surge-nos também em mirandês e em galego.

- Aparece-nos ainda – *ã* em vez de – *ão*:

*man (mão)*

*pan (pão)*

- O ditongo [iu] suge em todas as palavras do tipo:

*riu (rio)*

*tiu (tio)*

*friu (frio)*

27) A forma do artigo indefinido – *ua* aparece-nos já em 1272 “... e a guardar estas cousas e cada *ua* delas por nos...” Cf. José Pedro Machado, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Livros Horizonte, 1977, p. 358.

- As terceiras pessoas do plural dos verbos apresentam formas reduzidas de ditongos:

*tchamaban (chamavam)*

*matanun (mataram)*

*metienum (meteram)*

*prendenum (prenderam)*

- O [o] resulta no ditongo – uô:

*ruôdra (roda),*

mas surge-nos também um timbre semelhante ao – *a* fechado do português:

*puârtã (porta)*

*fuârte (forte)*

*muârtu (morto)*

### Consonantismo

Aspectos gerais:

- Um dos aspectos gerais que caracteriza o dialecto rionorês é o uso do – *b* pelo – *v* <sup>28</sup>:

*baliente (valente)*

*ber (ver)*

*tchamaban (chamavam)*

*habia (havia)*

*bira (vira)*

*bergonha (vergonha)*

*benhir (vir)*

- Outro traço geral deste dialecto é a utilização da africada [ç]:

*tchamar (chamar)*

*escatchar (partir)*

*matchada (machada)*

*martchar-se (ir-se embora)*

- A síncope do – *d* – intervocálico é outra característica do dialecto rionorês:

*pasmau (pasmado)*

*tchamau (chamado)*

---

28) Esta utilização do – *b* em substituição total do – *v* é simultaneamente uma característica do falar transmontano.

- O – l – iotiza-se e desaparece:  
*al conseio (o conselho)*  
*cassou-se cua fia dal tiu Baltazar (casou-se com uma filha do tio Baltazar)*  
*un pouco mior (um pouco melhor)*
- A neutralização da oposição [z / s] verifica-se também em rionorês e esta neutralização parece-nos ser mais uma reminiscência do dialecto leonês:  
*xardineiro (jardineiro)*  
*xusticia (justiça)*  
*suxeitu (sujeito)*
- Notamos ainda a palatalização de [s] em outras palavras:  
*dixu (disse)*  
*dixes (dizes)*

Estas duas realizações dialectais parecem estranhas ao português, mas estão dentro do sistema fonológico espanhol e são mais um elemento leonês que se enraizou no rionorês.

- Observemos ainda a desnasalização em palavras como:  
*home (homem)*  
*bô (bom)*

## Morfologia

### Artigo definido

Tem realizações diferentes conforme se trate do masculino ou do feminino:

- al rapace (o rapaz)*
- al tiu (o tio)*
- las magras (as fatias de presunto)*<sup>29</sup>

O artigo definido pode também surgir-nos contraído com a preposição:

- martchaba pal riu (ia para o rio)*

### Artigo indefinido

Notamos as seguintes realizações: *un / uns; ua / uas*:

---

29) A forma plural do artigo definido é também um registo espanhol no dialecto rionorês: los niños / las niñas

*un tal Miguel (um tal Miguel)*

*un dia (um dia)*

*un home (um homem)*

O artigo indefinido aparece-nos, muitas vezes, contraído com a preposição:

*cuas gumas de piedra ra (com umas arestas de pedra)*

*cua piedra (com uma pedra)*

*cua fia (com uma filha)*

### Pronomes pessoais

As formas dos pronomes pessoais divergem do português normal<sup>30</sup>

*ieu / iou*

*tu*

*êl / iêl / êlo / iêlo / iêla*

*nós*

*bós*

*iêlos / iêlas*

É também muito frequente o emprego do pronome complemento *le* em vez de *lhe*:

*abriu-la (abriu-lha)*

*dixu-le (disse-lhe)*

*daba-le (dava-lhe)*

### Advérbios

Atentemos em alguns aspectos bem diferentes do português:

**De negação:** tu bêlas mas *nun* nas comes – (tu vê-las mas não as comes)

i *nun* se acostumaba (e não se habituava)

i *nun* si sabi diêl (e não se sabe dele)

**De tempo:** I *aspois* metenum-nu de xardineiro (e depois puseram-no de jardineiro)<sup>31</sup>

Miguel *inton* qui tal? (Miguel então que tal?)

30) Cf. Herculano de Carvalho e Jorge Dias, O falar de Rio de Onor, I.E.E.D., Fac. Letras, Coimbra 1955.

31) Ainda que o étimo “post” deste advérbio não esteja muito claro, segundo a opinião de Leite de Vasconcelos, parece-nos poder afirmar que explica o espanhol “pues” e daí considerarmos tratar-se de mais um vocábulo de origem castelhana.

## Preposições

Relativamente à utilização das preposições, parece-nos dever salientar a utilização de:

*hasté à noute (até à noite)*<sup>32</sup>

*por bê da bergonha (por causa da vergonha)*

## Verbos

A analogia desempenha um papel de relevo na flexão verbal do Dialecto rionorês. Muitas das alterações que as formas verbais sofrem são motivadas, a maior parte das vezes, por causas analógicas.

- Por analogia com a primeira pessoa do singular, verifica-se a ausência de alternância:

*eu dixé*

*eu fui*

*eu matei*

*tu dixiste*

*tu fuste*

*tu matêste*

- Também, por analogia com a 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, a 1.<sup>a</sup> pessoa do plural do perfeito do indicativo tem a terminação – *imos* ou – *êmos*

*eu bin*

*eu dixé*

*eu matei*

*nós binhimos*

*nós diximos*

*nós matêmos*

- É muito frequente o emprego da desinência – *des*, nas segundas pessoas do plural do pretérito imperfeito do indicativo:

*vós iérades*

*vós tínhades*

- Nas terminações das terceiras pessoas do plural, é geral a redução do ditongo, ficando apenas a vogal nasalizada:

*tchamaban (chamavam)*

*fonun (foram)*

*matanun (mataram)*

*metienun (meteram)*

*prendenun (prenderam)*

## Origem de alguns vocábulos isolados

benecir – Do latim *benedicere* (benzer)

---

32) Podemos concluir que a preposição “hasta / hasté / até” é um “castelhanismo” que deve explicar o antigo português “fasta” – Cf. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*, ed. cit., vol I, p. 343 – 344.

porrada – Do castelhano “porra” (pancada)<sup>33</sup>

enfadar – Do latim *infatuare* (cansar)<sup>34</sup>.

rapace – Do latim *rapace* (rapaz)<sup>35</sup>

Também “a palavra buraca (postigo) é um termo leonês utilizado em Rio de Onor, em terra de Miranda, e simultâneamente em português, ainda que o seu significado seja ligeiramente diferente.”<sup>36</sup>

---

33) “desde el punto de vista semântico, no hay inconveniente alguno em derivarlo de puerro”, Cf. J. Corominas, *Dicionário Crítico Etimológico de la lengua castellana*.

34) No século XV – «enfadousse delles e mandou-os matar», Cf. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit, p. 273.

35) “O vocábulo rapace tinha no latim um significado diferente daquele que hoje lhe atribuímos. Era o arrebanhador; o ladrão; o gatuno; aquele que se apossa de (...). Este adjectivo vulgarizou-se com este sentido não só em português mas também em castelhano”. E hoje encontramos-lo ainda em Rio de Onor, cf. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit, p. 39.

36) Cf. José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit, pág. 474.

## Conclusão

---

Estando Rio de Onor situado numa região fronteiriça, é óbvio que estamos perante um “*contacto de línguas*”. “E certo que o *contacto* não existe necessariamente por confinarem as regiões, mas deve-se a uma série de circunstâncias de carácter psicológico e social, propícias ou desfavoráveis às interferências”.<sup>37</sup>

Não é difícil encontrarmos em Rio de Onor pessoas bilingues, ainda que estejamos perante o “bilinguismo ordenado”, isto é a utilização consciente e discriminada de cada língua, conforme o destinatário presente.<sup>38</sup>

O contacto de línguas e a conseqüente influência leonesa na fala de Rio de Onor é, de facto, ainda notória nos nossos dias. Poderemos afirmar que no sistema fonológico a influência espanhola é muito vincada e as afinidades fonéticas são muito importantes, conforme fomos registando ao longo da nossa análise.

---

37) Cf. Maria José de Moura Santos, Os Falares Fronteiriços de Trás-os-Montes, Coimbra, 1967, p. 39.

38) Como referimos na nota 5 o habitante de Rio de Onor pode, por vezes, ser plurilingue. Ele fala o dialecto, o espanhol e o português conforme o destinatário a quem se dirige.

Também na morfologia, sobretudo nas formas verbais, encontramos interferências:

(*tengo, tenia, tubo...*)

Mas é no léxico que se verifica o maior número de interferências:

*benecir* (cf. espanhol *bendecir*)

*pierna* (cf. espanhol *pierna*)

*piedra* (cf. espanhol *piedra*)

*baliente* (cf. espanhol *valiente*)

*bien* (cf. espanhol *bien*)

*otcho* (cf. espanhol, *ocho*)

*riba* (cf. espanhol *riba / ribazo*)

*solu* (cf. espanhol *solo*)

*pindon* (cf. espanhol *pendon*)

*enfadar* (cf. espanhol *enfadar*)

*fuarça* (cf. espanhol *fuerza*)

Não queremos terminar este pequeno trabalho, sem afirmar que à medida que o íamos elaborando, as dificuldades iam sendo cada vez maiores e parece-nos poder concluir que este estudo de interferências linguísticas é muito difícil, porque muitos destes termos do dialecto rionorês pertencem também à linguagem popular da região transmontana e eles são, em muitos casos, arcaísmos.

Por outro lado, “parece-nos importante estabelecer aqui uma distinção entre a linguagem falada quotidianamente por qualquer povo e a preservação mais ou menos perfeita de uma fala tradicional, já só é usada em circunstâncias especiais. Uma é a linguagem viva, embora nela sobrevivam inumeras expressões e formas dialectais do passado, a outra é já quase uma espécie de linguagem ritual. Quanto a nós, o velho falar rionorês encontra-se nesta segunda fase, e a linguagem viva é o português na metade portuguesa, e o castelhano na metade espanhola, embora, como já referimos, sobrevivam nelas muitas palavras, formas dialectais e tendências fonéticas, que são uma manifestação de apego à tradição”.<sup>39</sup>

---

39) Cf. Herculano de Carvalho, O Falar de Rio de Onor, I. E. E. D, Fac. de Letras, Coimbra, 1955. p.9.



# Glossário

---

abajo	– abaixo
acabalo, dir acabalo	– ir a cavalo
agora bai	– já lá vão
amanhar	– preparar, arranjar
arriba	– acima
aspois, (adv.)	– depois
asta (prep.)	– até “asta que al encontrei”
asté (prep.)	– até (asté a noute)
Baca	– vaca
bades	– Presente do Indicativo do verbo dir (ir)
	– boî / bou
	– bás
	– bai
	– bamos
	– bades
	– ban
baliente	– valente, forte
bê	– Presente do Indicativo do verbo ber (ver)

	– beio
	– bês
	– bê
	– bêmos
	– bêdes
	– bên
bê	– usa-se na expressão por <i>bê de</i> – por causa de “num queria benhir por bê da bergonha”
benecir	– benzer, abençoar “benecir al pan”
benhi	– verbo benhir ou binhir (vir)
canada	– caminho
cassa	– casa
conseio	– conselho – organização de todos os participantes na propriedade colectiva integral. (Jorge Dias 138)
cumu. (conj.)	– como
curral	– local onde se guardam os rebanhos
dessioutro (adj.)	– no outro dia
diêl = di iêl	– dele
dixo	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo decir (dizer)
	– dixé
	– dixiste
	– dixo
	– diximos
	– dixistes
	– dixênum
en riba	– em cima
enfadar-se	– cansar-se, aborrecer-se com alguém
escatchar	– Verbo partir, rachar “escatchou-lhe a cabeça cua piedra ferronha”
fonum	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo dir (ir)
	– fui
	– fuste
	– foi
	– fumos
	– fustes
	– fonum

fumos	– verbo <i>dir</i> ( <i>ir</i> ) Pretérito Perfeito do Indicativo
fuôra (prep)	– fora “ <i>saliu dalí para fuôra</i> ”
gaita	– instrumento musical popular
guma	– gume, aresta “ <i>cuas gumas de piedra ferronha</i> ”
hai	– Presente do Indicativo do verbo <i>haber</i> ( <i>haver</i> )
	– <i>hei</i>
	– <i>hás</i>
	– <i>há / hai</i>
	– <i>hemos</i>
	– <i>heis</i>
	– <i>han</i>
hasta = asta (prep.)	– até
home	– homem
iêl	– Pronome pessoal 3. <sup>a</sup> pessoa do singular.
	– <i>ieu/iou</i>
	– <i>tu</i>
	– <i>êl / iêl / êlo / iêlo / iêla</i>
	– <i>nós</i>
	– <i>bós</i>
	– <i>iêlos / iêlas</i>
iera	– Imperfeito do Indicativo do verbo - <i>ser</i>
	– <i>iera</i>
	– <i>ieras</i>
	– <i>iera</i>
	– <i>iéramos</i>
	– <i>iérades</i>
	– <i>ieran.</i>
ingrida	– <i>íngreme</i>
inton	– <i>então</i>
irmau	– <i>irmão</i>
libanum.	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo <i>lebar</i> ( <i>levar</i> ). A desinência da 3. <sup>a</sup> pessoa do plural é a mesma do verbo <i>matar</i> .
listo	– <i>esperto</i>
lugar	– povoação: al lugar designa especialmente a própria povoação de Rio de Onor.
lume	– <i>lume, fósforos</i>
magra	– <i>fatia de presunto seco</i>

mans	– mãos
marota	– má
martchou-se	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo martchar ou martchar-se (ir embora ou ir-se embora).
matanum	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo regular matar, que tem a desinência da 3. <sup>a</sup> pessoa do plural em – anum
	– matei
	– matêste
	– matou
	– matêrnos
	– matestes
	– matanun
matchada	– machada
mior	– melhor
mordomo	– cada um dos dois responsáveis chefes do conselho, que são eleitos anualmente (Jorge Dias., – 140 - 142)
noute	– noite
onte	– ontem
Ougéniu	– Eugénio
pan	– pão
pasmaus	– pasmados
pedir pelu mundu	– pedir esmola pelo mundo
piedra ferronha	– pedra branca e dura utilizada para curar as mordeduras das víboras
piemas	– pernas
porradas	– pancadas
prendenum	– Pretérito Perfeito Indicativo do verbo prender. Tem a mesma desinência do verbo matar.
pressus	– presos
puarta	– porta
pude	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo poder
	– pude
	– pudiste
	– pude
	– pudimos
	– pudistes

	– pudienom
puonte	– ponte
puso	– Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo poner (pôr)
	– pus
	– pusiste
	– puso
	– posimos
	– posistes
	– pusienum
rapaça	– rapariga
rapace	– rapaz
riu	– rio
salir	– sair
solos	– sóis
sin	– sem
star	– estar
stimaban	– estimavam, tratavam bem
suxeitu	– submetido
tambien ou tamien, (adv)	– também
tenia	– Imperfeito do indicativo do verbo tener (ter)
tienes	– Presente do Indicativo do verbo tener (ter)
	– tengo
	– tienes
	– tiên
	– tenemos
	– teneis
	– tienem
tremonhado	– terminado (terminal do moínho), local que vai receber a farinha.
xardineiro	– jardineiro
xusticia	– justiça, autoridade



## Bibliografia

---

ALONGE, Dâmaso e Valentin Garcia Yébra – *El Gallegoleonês de Ancares y su interés par la dialectologia portuguesa*, actas do II Colóquio Internacional de Estudos Luso Brasileiros, Vol. I, Lisboa, 1957.

ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) – *Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança*, Vols II, III e X Tipografia Académica, Bragança, 1984.

ARTES E TRADIÇÕES DE BRAGANÇA – Direcção-Geral da Divulgação, Ed. Terra Livre, Lisboa, 1984.

BRITO, Joaquim Pais de – *Histórias que se sabem, histórias que se contam. Estratégias sociais na oralidade aldeã*, in *Ler História*, n.º 12, Edições Salamandra, Lisboa, 1988.

CARVALHO, José Herculano de – *Estudos Linguísticos*, Coimbra Editora, Ld.<sup>a</sup>, 1984.

CARVALHO, José Herculano de, e DIAS, Jorge – *O Falar de Rio de Onor*, I. E. E. D, Faculdade de Letras, Coimbra 1955.

CINTRA, Luís F. Lindley, *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa Editora, Lisboa, s / d.

DIAS, Jorge – *Rio de Onor, Comunitarismo Agro-Pastoril*, Editorial Presença, Lisboa, 1984.

MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, 1977.

RODRIGUES, Daniel – *O Riodonorense*, Separata de “O Instituto”, vol. 55.º Coimbra, 1909.

SANTOS, Maria José de Moura – *Os Falares Fronteiriços de Trás-os-Montes*, Coimbra 1967.

VASCONCELLOS, J. Leite de – *Etnografia Portuguesa*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa 1985.



## Títulos publicados:

- 1 • **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**  
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 • **Política económica francesa**  
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 • **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**  
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes  
– 1985
- 4 • **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**  
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 • **O pensamento económico de Lord Keynes**  
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 • **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**  
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 • **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**  
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 • **Estudo de melhoramento do prado de aveia**  
Tjarda de Koe – 1988
- 9 • **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**  
Tjarda de Koe – 1988
- 10 • **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**  
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 • **Sondas de neutrões e de raios Gama**  
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 • **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**  
Raul Iturra – 1989
- 13 • **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**  
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

- 
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**  
Victor Meyer Jr. – 1991
  - 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**  
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
  - 16 · **Educação e loucura**  
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
  - 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**  
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
  - 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**  
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
  - 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**  
Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
  - 20 · **Conferências em nutrição animal**  
Carlos Alberto Sequeira - 1993
  - 21 · **Bref aperçu de l'histoire de France – des origines à la fin du II<sup>e</sup> empire**  
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
  - 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**  
João do Nascimento Quina – 1994
  - 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***  
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
  - 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**  
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
  - 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**  
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
  - 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**  
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

- 
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**  
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**  
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**  
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**  
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**  
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**  
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**  
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**  
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**  
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**  
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**  
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**  
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

- 
- 39 · Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**  
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**  
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**  
Luísa Genésio – 1999
- 42 · Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**  
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**  
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**  
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · Redes de terra – princípios de concepção e de realização**  
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**  
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**  
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · Elementos de física e mecânica aplicada**  
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**  
Henrique da Costa Ferreira – 2002
- 50 · Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**  
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**  
Henrique da Costa Ferreira – 2002

- 
- 52 • **A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**  
Henrique da Costa Ferreira — 2003
- 53 • **O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**  
António Réffega – 1997
- 54 • **Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**  
António Réffega – 1997
- 55 • **A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**  
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 56 • **Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**  
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 • **A dimensão preocupacional dos professores**  
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 • **Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**  
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 • **Futebol - Referências sobre a orientação do jogo**  
João do Nascimento Quina – 2001
- 60 • **Processos de cozedura em cerâmica**  
Helena Canotilho – 2003
- 61 • **Labirintos da escrita/Labirintos da natureza em "As Terras do Risco" de Agustina de Bessa-Luís**  
Helena Génésio – 2001
- 62 • **A construção da escola inclusiva - um estudo sobre a escola em Bragança**  
Maria Fernandes Ferreira – 2203
- 63 • **Atlas das aves nidificantes da Serra da Nogueira**  
Domingos Patacho
- 64 • **Dialecto rionorês: contributo para o seu estudo**  
Dina Rodrigues Macias – 2003